

## ***O PAGADOR DE PROMESSAS: UMA PROPOSTA PARA ABORDAGEM DO TEXTO DRAMÁTICO NO ENSINO MÉDIO***

Ana Carla SOUZA

Este trabalho tem por finalidade sugerir uma possibilidade de encaminhamento metodológico da obra *O pagador de promessas*, do autor Dias Gomes, especificamente em uma turma do 2º ano do Ensino Médio. Para esse propósito, disponibilizamos uma leitura analítica do texto dramático e, em seguida, os procedimentos que podem ser adotados em sala de aula. Teoricamente nos embasamos nos estudos de Amorim (2011), Prado (1976), Sousa (2005), dentre outros. Acreditamos que as orientações didáticas propostas podem render uma abordagem produtiva, dando ao aluno a oportunidade de vivenciar de fato uma experiência de leitura literária.

### **1. INTRODUÇÃO**

A leitura “implica não só a decodificação de sinais, mas também a compreensão do signo lingüístico enquanto fenômeno social” (MAGNANI, 2001, p.49), assim, não é apenas saber decodificar, mas aprender a interpretar os sentidos do texto.

Este artigo pretende ressaltar a importância de desenvolver trabalhos com a leitura literária, sobretudo com o texto dramático, objeto de estudo deste trabalho. Acreditamos que o ensino da literatura, como as demais disciplinas devem se complementar a cada ano estudado, além de priorizar os diversos gêneros literários, de modo a inovar e não se deter apenas nos mais conhecidos.

A leitura do texto literário nos dá a oportunidade de abranger e conhecer não apenas os aspectos históricos de determinada época literária, mas se envolver com as obras dos autores que se destacaram ao longo do tempo ou daqueles que fazem parte do nosso presente. As obras literárias nos conduzem a outros horizontes e, à medida que o texto nos fornece outras pistas, vamos interligando-os de acordo com os nossos conhecimentos gerais.

As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo. (CANDIDO, 1995, p.248)

Diante desse contexto de prática de leitura precisamos ampliar o leque de leitura literária, se de fato objetivamos desenvolver um trabalho de qualidade. É preciso também estarmos atentos não apenas a quantidade de obras, mas a qualidade dos textos explorados em sala de aula. A abordagem, portanto, merece uma atenção especial. Precisamos pensar em modos diferenciados de leitura que se distanciem, por exemplo, das limitações propostas nos manuais de ensino.

Por conhecer as dificuldades de levar o jovem a ler textos literários, assim como os obstáculos enfrentados por professores que muitas vezes não disponibilizam de tempo para desenvolver atividades complexas, iremos sugerir uma proposta de atividade, a partir da obra *O pagador de promessas*, de modo que venha favorecer significativamente a interação entre o texto e o leitor.

O autor de *O pagador de promessas* é Alfredo de Freitas Dias Gomes, ele nasceu em Salvador – Bahia, em 19 de outubro de 1922, onde realizou seus primeiros estudos, passando a residir no Rio de Janeiro a partir de 1935. Desde jovem, já demonstrava ter habilidades com a escrita, escrevendo sua primeira peça teatral aos 15 anos, *A comédia dos Moralistas*, obtendo com ela o prêmio do Serviço Nacional do Teatro. Dias Gomes estendeu suas atividades ao rádio e também publicou quatro romances. Após quatro anos de ausência do teatro, em 1960, com o *Pagador de promessas*, retornou definitivamente ao teatro. O estrondoso sucesso nacional e internacional desta peça fez com que seu nome atravessasse as fronteiras do país. Vertido para o cinema, *O Pagador de promessas* conquistou a “Palma de Ouro”, no festival de Cannes de 1962.

O texto dramático, *O Pagador de promessas*, começa com uma promessa. Zé-do-Burro, personagem central, pede a Santa Barbara que salve seu burro, cujo tinha sido ferido por um galho de árvore. Como no local onde Zé vivia não tinha uma igreja dedicada à santa, a promessa foi feita em um terreiro de candomblé, onde a santa ganha o nome de Iansã. Para pagar a promessa, o personagem, portando uma cruz nos ombros, junto a sua mulher chamada Rosa, caminham sete léguas do sertão baiano até Salvador. Ao chegar a igreja de Santa Barbara veremos que a promessa, feita com tanta fé e simplicidade, não será de fato compreendida e aceita pelos outros personagens, inclusive por sua própria esposa.

Acreditamos que esse texto dramático pode ser trabalhado com êxito em sala de aula, apesar das inúmeras dificuldades existentes, tais como: a resistência em ler por parte dos alunos, mas ao propor uma sequência didática, pensamos em métodos que sejam possíveis de se realizar de fato e que tenham dinamicidade. Vale ressaltar, que

este material é proposto como um ponto de partida para que os professores possam elaborar seu próprio trabalho.

## **2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

Segundo Prado (1976) o texto teatral ou dramático é o lugar onde se entrecruzam múltiplos discursos, composta por elementos que pertencem a artes diferentes (literatura, música). O autor ressalta que as personagens constituem praticamente a totalidade da obra e vai ser o guia que nos fará distinguir entre, por exemplo, o romance e o teatro. No romance, a personagem é um elemento entre vários outros. No teatro, nada existe a não ser através delas. Ele diz que teatro é ação e romance narração, portanto, a personagem teatral para se dirigir ao público dispensa a mediação do narrador.

Conforme Prado (1976) a história não é contada, mas mostrada como se fosse parte da realidade no teatro, todavia, torna-se necessário, não só traduzir em palavras. Ao encenar, não importa, por exemplo, que o intérprete sinta apenas paixão ao interpretar, mas é preciso que ele exteriorize isso pelas inflexões, por um timbre de voz, pela maneira de olhar, de andar. No palco toda ação ocorre muito rápido e é preciso estar atento. É essencial encontrar os episódios significativos, os incidentes característicos, que marquem o personagem.

Outro fator importante a considerar como referência à ação, mencionado por Prado (1976), é o tempo. A peça de teatro completa seu ciclo, geralmente, em duas ou três horas. Assim o ritmo no palco mantém-se sempre acelerado: paixões surgem à primeira vista, travam-se batalhas, perdem-se reinados. Como bem explica o autor citado, o intérprete não deve se anular, desaparecer dentro do personagem. É preciso configurá-la e por outro lado criticá-la, ou seja, por em evidência seus defeitos ou qualidades.

Os verdadeiros dramaturgos, para Prado (1976), mostram-se sempre capazes de elaborar um estilo pessoal e artístico. O teatro, com base nas contribuições desse estudioso, vai mais longe que o romance porque no palco, a personagem fica só, rompendo o fio que deveria prendê-lo ao autor.

Essas informações trazidas inicialmente são precisas e importantes no trabalho com o texto teatral em sala de aula. Mas, obviamente, é necessário, que nós, enquanto

professores, tenhamos conhecimento sobre o assunto primeiramente, para podermos ensinar aos nossos alunos a ler e compreender o texto dramático enxergando de fato suas próprias características, já que esse se distingue, por exemplo, do gênero romance, cujos já estão habituados a ver.

Entretanto, na nossa formação de professores de Língua Portuguesa nos faltam disciplinas que contemplem o estudo do texto dramático. Muitas vezes, pretendemos até trabalhar, mas não sabemos por onde começar. Também há casos que de fato é levado o texto de cunho dramático para sala de aula e na tentativa de desenvolver um bom trabalho é feito apenas uma leitura ou é pedido aos alunos que encenem o texto em forma de peça teatral. Porém, não fomos preparados para ensinar e desenvolver, juntamente com nossos alunos, peças elaboradas, com técnicas adequadas e próprias das encenações teatrais.

Diante do exposto, ao pensar nas escolas que não contam com professores de teatro e nos inúmeros problemas que cercam nossas salas de aulas, podemos optar por não levar um texto dramático e assim não ter mais um problema nos planejamentos das aulas, ou pesquisar informações, trabalhos que nos deem suporte e ajudem a desenvolver sequências didáticas que visem o texto dramático como uma arte literária, que irá ampliar o horizonte de conhecimentos dos alunos. Assim, se não podemos fazer grandes encenações, por falta de recursos ou conhecimentos sobre as diversas técnicas teatrais, que possamos ler, compreender e vivenciar o texto em si. Para isso, é preciso que os alunos possam e saibam interpretar o texto que está sendo oferecido.

No processo de leitura, o autor oferece, através do seu texto, índices do que pode ser interpretado, mas cabe ao leitor analisar o que foi oferecido, interpretar e compreender.

A leitura e o conhecimento, conforme Amorim (2011), é algo socialmente construído, tanto pela informação quanto pela observação partilhada, e não uma experiência particular de poucos. O texto é o ponto de partida, “sua significação mobiliza ideias e sentidos que nascem da relação que o texto estabelece com o contexto” (AMORIM, 2011, p.80).

Podemos dizer que o texto literário é plurissignificativo e permite que o leitor possa apreender um leque de informações, desde que não desvie sua interpretação para o que não está representado no texto, tornando-se assim, incoerente. Ao ler, cada leitor terá sua própria interpretação, pois o contato com a obra é individual, única, uma vez que as experiências e os contextos de vidas são diferenciados.

A importância das diferenças de interpretações consiste em poder trocar impressões, comentários, visto que, às vezes, a mudança de opinião nos faz descobrir muitos outros elementos presentes em uma obra.

Para isso que isso ocorra nas aulas é preciso conquistar o gosto dos alunos pela literatura e modificar a maneira tradicional pela qual estamos habituados a ensinar. A literatura, não se restringe apenas a fatos históricos, mas também a preciosas obras, que retratam através da linguagem acontecimentos vividos. Através desta ligação, é possível fazer uma ponte de informações dos fatos ocorridos com a posição dos personagens, mesclando, assim, o texto com o contexto e diferenciando a direção das aulas.

Umberto Eco (*apud* OCEM, 2008, p.68) menciona dois tipos de leitores: o leitor vítima e o leitor crítico. O leitor vítima é aquele interessado em “o que” o texto conta, uma vítima do enunciado. Já o leitor crítico se detém em “como” o texto narra, também interessado no modo de enunciação, além dos leitores que possuem os dois tipos simultaneamente. Cremos que a diferença entre estes leitores consiste na maneira de ler, pois a grande maioria das pessoas, especificamente os alunos, se prende ao título, à capa, ao resumo, desta forma, fixando-se apenas na superfície, não interagindo com o enredo ou o conteúdo da obra, tendo argumentos insuficientes para opinar sobre o assunto. O leitor crítico, ao contrário, tem um olhar mais detalhado, não tem como intuito apenas ler o título ou um pequeno comentário citado, mas conhecer e entender o que o texto está querendo sugerir. Com esta atitude, ele terá posteriormente o livre arbítrio para opinar, seja a favor ou contra.

Como leitores críticos, adquirimos a enorme liberdade de percorrer um arco maior de leituras, o que faz toda a diferença. Qual o perigo de sermos apenas leitores vítimas? O perigo é consumirmos obras que busquem agradar a um maior número de leitores, oferecer ao leitor uma gama já consumida de elementos, aquela literatura voltada para o consumo de que falamos, desprovida de potencial de reflexão [...] (OCEM, 2008, p. 69)

É extremamente importante formar leitores críticos, para que estes possam ter consciência das suas próprias decisões, não se deixando levar apenas pela opinião alheia, imposta pela sociedade. O gosto é individual e não há o que contestar. A cada série estudada o aluno deve ir aprimorando o seu nível de leitura, partindo de textos com linguagens mais simples até as obras mais complexas. As dificuldades e reclamações da maioria dos alunos giram em torno do “não gostar de ler”. Mas, partindo das séries

iniciais até o ensino médio, são vários anos de estudos. Se estes alunos tivessem a prática de ler desde mais novos, a realidade deles, ao chegar o ensino médio, seria diferente, pelo fato de ser algo que já faz parte do seu cotidiano.

## **2.1 Conflito trágico em *O pagador de promessas***

O texto *O pagador de promessas*, de Dias Gomes possui uma linguagem coloquial, própria da oralidade. Segundo Sousa (2005) essa obra representa a vida do povo a partir de uma perspectiva trágica numa sociedade de classes e uni o nacional-popular. Essa história recria “não só o abismo que separa campo e cidade, mas o que separa povo e elites” (SOUSA, 2005, p.140).

Sousa (2005) ressalta que a ação ingênua e intransigente do personagem Zé-do-Burro, bem como a intolerância do padre Olavo, junto aos fatores presentes na trama, levam ao fim trágico. O estudioso diz que a catástrofe é ao mesmo tempo a derrota e a vitória do propósito do protagonista, ou seja, Zé-do-Burro morre, mas o sincretismo religioso vence, à medida que a cruz juntamente com o corpo do Zé e os capoeiristas entram na igreja de Santa Bárbara, assim Santa Bárbara e Iansan se fundem. Entretanto, em nenhum momento as partes em conflito se conciliam, levando, assim, para o desfecho trágico.

Os temas que perpassam por essa peça são, por exemplo, de cunho social, sobre a exploração da mulher, relações humanas: de submissão e imposição, dentre outros. Sousa (2005) enfatiza que alguns críticos apontam como temáticas dessa obra a intolerância, a representação das distâncias sociais entre ricos e pobres e entre campo e cidade.

A respeito da estrutura, Sousa (2005) menciona que os elementos formais comuns as tragédias são funcionais as inúmeras prolepses que pontuam o texto, ou seja, elas antecipam pelo discurso, fatos da ação futura. Esses dados compõem o texto o *Pagador de promessas*, obra, como já salientamos, será utilizada na sequência didática mostrada à seguir.

### 3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O trabalho com o texto literário em sala de aula necessita de uma metodologia que favoreça a prática de leitura. Dependendo do texto a ser lido, podemos elaborar um trabalho com maior dinamicidade. Acreditamos que é importante saber adequar o que será trabalhado a turma, pois cada sala de aula envolve uma forma diferenciada.

Os recursos disponíveis na escola poderá contribuir durante o trabalho com a leitura, entretanto, algumas escolas públicas ainda são muito carentes, por isso é preciso criatividade por parte do professor para que esses alunos também tenham chance de conhecer diversos textos e gêneros literários.

A partir dessa realidade e das dificuldades que muitos professores encontram para elaborar aulas que fujam da dependência do livro didático, elaboramos uma sequência didática, que será descrita neste tópico, com o objetivo de contribuir e inspirar os professores de Língua Portuguesa durante o processo de elaboração das aulas.

É comum trabalharmos com os gêneros romance, poemas, contos, já o texto dramático, por mais que alguns textos sejam conhecidos, geralmente, não se trabalha a obra dramática de forma diferenciada, como uma arte para ser encenada, com características distintas do romance, por exemplo, e que exige um modo de ler diferente.

Para esta sequência didática selecionamos o texto dramático *O pagador de promessas*, de Dias Gomes. A série destinada para esse trabalho é o segundo ano do ensino médio e o tempo determinado para o desenvolvimento dessa experiência de leitura consta um período de duas semanas, com aulas que duram em média cinquenta minutos.

As competências que esclarecem nossos objetivos são: compreender a leitura literária como fonte de apreciação e diversão; promover a participação dos alunos através de diálogos; estabelecer relações entre os conhecimentos prévios dos alunos e a obra abordada; Discutir sobre a intolerância religiosa, as diferenças sociais entre ricos e pobres, campo e cidade; e compreender a estrutura e a linguagem da obra. A metodologia utilizada nas aulas será através de discussões e análise da obra.

Para o primeiro encontro sugerimos, inicialmente, uma conversa informal sobre o ato de pagar promessas, já que a obra fala sobre essa temática, e levantar questões sobre a importância, objetivo, fé. Em seguida, distribuir a letra da música “Romaria”, de

Renato Teixeira. Solicitar uma leitura silenciosa, passar a música para os alunos escutar e discutir coletivamente sobre a letra. O texto *O pagador de promessas* pode ser entregue em partes aos alunos, já que é dividido em três atos, mas essa possibilidade depende da realidade de cada turma. Sugerimos essa opção com o intuito de despertar a curiosidade dos alunos sobre a sequência dos atos, portanto, se possível, entrega a xerox do 1º ato da peça e explica que a primeira leitura será extraclasse.

No segundo encontro, podemos iniciar a aula a partir da temática sincretismo religioso, com o intuito de formar uma discussão conforme o conhecimento prévio dos alunos. Esse assunto está presente no texto e o nosso objetivo é construir com os alunos a compreensão sobre o entrelaçamento das religiões, de modo que eles possam conhecer esse termo e o seu significado, mas, principalmente, compreender os fatos que perpassam pela história do pagador de promessas. Posteriormente, convidaremos os alunos a ler, de forma intercalada, o primeiro quadro, que compõe o primeiro ato da peça. Elaboramos algumas temáticas, tais como: “Chegada de Zé-do-Burro e Rosa à igreja Santa Bárbara”; “Interesses divergentes: Marli, Bonitão, Rosa e Zé”. Caso o professor, tenha a segurança que a primeira leitura foi realizada de fato em casa, na sala os alunos podem ler alguns fragmentos que fazem parte dessas temáticas citadas e que enfatizam os pontos principais do primeiro quadro. Do mesmo modo, sugerimos a temática para o segundo quadro: “Incompreensão: Zé versus Padre”. O professor é responsável por cronometrar o tempo, então cabe a ele ver se pode ser realizado a leitura completa do quadro ou apenas alguns fragmentos. Assim, a partir das leituras intercaladas, pode-se ir debatendo sobre os fatos ocorridos na história e se professor optou por dividir o material, ao fim da aula propomos a distribuição do segundo ato da obra, para análise na aula seguinte.

O terceiro encontro pode ser introduzido com uma conversa informal a respeito da mídia, que ressaltam questões sobre interesses, poder, influência. Com essas conversas informais podemos antecipar o que será tratado na história a seguir, mas de modo que eles falem e reflitam a partir do seu próprio contexto, ou seja, que possam partir da sua realidade para a história do personagem. As leituras podem ser intercaladas e a seleção dos alunos que farão as leituras pode ser deixada ao critério deles, mas, vale ressaltar, a importância da participação de todos, desde os mais tímidos até os mais extrovertidos e agitados. Para o primeiro quadro, que compõe o segundo ato sugerimos as temáticas: “Galego, Minha Tia e Dedé”; “A entrada do repórter”; “Intimidade entre Bonitão e Rosa”. Já para o segundo quadro: “A chegada do Secreta”; “O Monsenhor



Otaviano”. As discussões e a leituras podem seguir o mesmo sistema do segundo encontro. O importante é instigar de fato a leitura completa desses atos, bem como a compreensão do enredo.

Para o quarto encontro podemos mostrar e escutar algumas músicas das rodas de capoeira. Iniciar as leituras, sejam elas apenas de alguns fragmentos ou do ato/ ou parte dele. Para o terceiro ato sugerimos as seguintes temáticas: “Roda de capoeira”; “Intranquilidade indisfarçada”; “Denúncia” e “Morte de Zé-do-Burro”. Essas temáticas que mostramos ao longo dos encontros são para ajudar diretamente o professor, ou seja, para conduzir e orientar as discussões. Os alunos não precisam ficar sabendo, o importante para eles é discutirem sobre o que está sendo lido, pois quem conduz é o professor. Ao fim da aula o professor pode sugerir o filme “O pagador de promessas”, de Anselmo Duarte.

No quinto e último apresentaremos o autor Dias Gomes à turma, através de fotos e informações biográficas. E retomaremos especificamente a discussão sobre a estrutura do texto dramático e a linguagem utilizada na obra, pois essas informações já pode ser dada ao longo dos primeiros encontros.

Além dessas dicas, o professor pode sugerir aos alunos a encenação de uma parte da peça, por exemplo, o momento final em que Zé-do-Burro é assassinado. Para isso, os alunos tem que estar dispostos a participarem, seja apenas para encenar na sala deles ou para toda a escola. Caso a escola conte com a contribuição de um professor de teatro, o professor de português pode convidá-lo a ajudar. Mas, se esse não for o caso, o professor pode conversar com os alunos, esclarecer que não tem formação e conhecimento sobre as técnicas teatrais, entretanto é possível participar de um jogo dramático e construir essa experiência em conjunto, professor e aluno.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que é possível desenvolver e realizar um trabalho proveitoso, bem como trabalhar uma obra na íntegra. Por isso, elaboramos possíveis aulas que podem ser realizadas e que sirvam de ponto de partida para os professores que desejam desenvolver experiências e práticas de leitura com o texto dramático.

Tanto os alunos como os professores necessitam de incentivos para que a prática de leitura seja verdadeiramente efetivada. O professor precisa demonstrar persistência diante das resistências encontradas nas salas de aulas. Pois a desistência e o comodismo só aumentarão a idéia, corrente entre os alunos, de que a leitura é uma atividade enfadonha e chata. Para muitos, trata-se de uma atividade que fazem questão de não lembrar.

Se começarmos a mencionar que a leitura deve ser algo que envolve prazer a perspectiva de ensino em sala de aula já terá uma grande mudança. É importante lembrar que, se o professor desiste de incentivar a leitura literária e não se preocupa em apresentar os diversos gêneros literários o ensino não terá mais sentido, pois tudo que é feito sem finalidades não terá resultados satisfatórios. O documento OCEM (2008) enfatiza que, para motivar os alunos, é preciso que atividades de leitura não sejam vistas como uma obrigação imposta pela escola. Mas, como um momento em que o aluno se reconheça leitor, ou veja nisso prazer, podendo compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e professores e, por que não, com sua comunidade: pais, amigos, vizinhos.

## 5. REFERÊNCIAS

AMORIM, José Edilson de. *Leitura, análise e interpretação*. In: PINHEIRO, Hélder (Org.). Pesquisa em Literatura. Campina Grande: Bagagem, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3<sup>o</sup>ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

GOMES, Alfredo Dias. *O pagador de promessas*. 21<sup>o</sup>.ed. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1958. (Coleção prestígio)

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de literatura. In: *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério de Educação, 2008.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Texto e linguagem)

PRADO, D.A. *A personagem no Teatro*. In: ROSENFELD, A. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SOUSA, Elri Bandeira de. *Do trágico n'ó pagador de promessas*. In: MACIEL, Diógenes. ANDRADE, Valéria (Orgs.). Por uma militância: estudos de dramaturgia brasileira do século XX. Campina Grande: Bagagem/ João Pessoa: Idéia, 2005. 221p.